

Gênero e família nos livros didáticos de Sociologia (PNLD-2015)

Elizabete Maria de Oliveira¹; Alexandre Zarias²

¹ Estudante de Licenciatura em Ciências Sociais – Fensg/UPE, bolsita de Iniciação Científica Fundaj/CNPq, elizabeteoliveira.tpa@gmail.com; ² Pesquisador da Diretoria de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), alexandre.zarias@fundaj.gov.br

Resumo: Este artigo apresenta resultados da pesquisa intitulada “*Processos de Didatização: Abordagem da Temática "Gênero e Família" em Sala de Aula das Escolas Públicas de Ensino Médio Integral do Recife*”, desenvolvida durante o primeiro semestre de 2016 até o segundo semestre de 2017. Seus objetivos compreenderam a análise das concepções dos e das estudantes no que diz respeito à temática “gênero e família” a partir de um processo de didatização, e a análise dos livros didáticos de Sociologia do Ensino Médio aprovados pelo Plano Nacional de Livros Didáticos de 2015, numa escola localizada no município de Recife-PE. Neste artigo apresenta-se a discussão da análise realizada nos livros didáticos, e tem como objetivo identificar de que forma o tema “gênero e família” é apresentado. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e revisão teórica sobre os conceitos de gênero e família. A partir da compreensão da família como primeira instituição social que do indivíduo, evidencia-se a importância desta instituição na formação de seus participantes. Dessa forma, ela é responsável também pela produção e reprodução de desigualdades, principalmente as desigualdades de gênero. Por sua vez, a escola apresenta-se não só como um espaço de socialização, mas como um ambiente passível a reiterar ou confrontar valores e concepções a respeito dessas desigualdades sociais que adentram os muros das escolas. Sendo assim, a escola como ambiente de transformação deve compartilhar do conhecimento de gênero, da realidade social e política, especialmente do Brasil aos seus estudantes. Com essa análise foi possível constatar como os livros didáticos apresentam as configurações de família, geralmente representadas por famílias nucleares, e os questionamentos propostos que possibilitaram o processo de “estranhamento” e de “desnaturalização” das próprias relações sociais e familiares dos educandos.

Palavras-chave: livros didáticos de sociologia, gênero e família, análise de conteúdo.

Introdução

No segundo semestre de 2016 ao primeiro semestre de 2017, a pesquisa “*Processos de Didatização: Abordagem da Temática "Gênero e Família" em Sala de Aula das Escolas Públicas de Ensino Médio Integral do Recife*” foi desenvolvida no âmbito do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/Fundaj) sob a orientação do pesquisador Alexandre Zarias. Esta pesquisa teve como objetivos a análise das concepções dos e das estudantes no que diz respeito à temática “gênero e família” a partir de um processo de didatização, e a análise dos livros didáticos de Sociologia do Ensino Médio aprovados pelo Plano Nacional de Livros Didáticos de 2015.

Nesse sentido, este artigo apresenta-se como um recorte dessa pesquisa desenvolvida na Fundação Joaquim Nabuco e financiada pelo CNPq, tendo como foco a análise realizada nos livros didáticos de Sociologia no que diz respeito à apresentação do tema desenvolvido na pesquisa. Este trabalho busca potencializar e ressaltar a importância da abordagem dessa temática no ensino de sociologia das escolas de Ensino Médio.

Este artigo teve como fundamentação teórica a leitura e o estudo de textos específicos sobre o tema, que foram encontrados em livros, tais como os de Danda Prado (1985), Guacira Louro

(1997), Joan Scott (1989), artigos científicos, entre outras fontes. No estudo sobre família, questiona-se de que forma esta instituição social influencia a formação dos indivíduos. Ao abordar os estudos e discussões de gênero, destacam-se os indicadores das desigualdades sociais e a escola como um ambiente institucional possível de colaborar para a propagação dessas desigualdades sociais.

Por que a família é tão importante?

Antes de discutir a importância da família, faz-se necessário uma análise e apropriação do seu conceito. Dessa forma, ao procurar os conceitos contidos nos dicionários de língua portuguesa, de uma forma geral, inclusive no dicionário aqui em referência, utilizado com frequência por alunos do ensino médio, o Miniaurélio (2000), a família é classificada como “pessoas aparentadas que vivem geralmente na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos”. Ou ainda, “pessoas que são do mesmo sangue, ascendência”. Entretanto, nos deparamos com diversas definições que ultrapassam o laço consanguíneo, as quais derivam de estudos de teóricos cujo objeto é a família. Por exemplo, Danda Prado (1985, p.4) afirma que “A família não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social variando ao longo da História e apresentando formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado”. Ou seja, uma instituição dinâmica e passível de transformações.

A família é a primeira instituição social da qual o ser humano, desde o nascimento, passa a fazer parte. Os primeiros contatos que temos com o mundo externo são proporcionados pela família e assim, nos integramos e apreendemos dos membros constituintes de nossas famílias, valores, princípios e conhecimento. As coisas apreendidas no ambiente familiar e no meio social acabam os guiando e os orientando em suas ações e, de uma forma geral, em sua formação enquanto indivíduo, tornando desta forma perceptível a influência e importância da família nesse processo de formação.

As atitudes comportamentais apresentadas pelas crianças e adolescentes estão diretamente ligadas à família. Isso acontece pela influência que, em sua maioria, passam despercebidas pelos pais e influenciam seus filhos. As crianças são mais vulneráveis a essas influências, já que enxergam seus pais como modelos de pessoas, reproduzindo seu modo de agir.

Desigualdades e preconceitos de gerações anteriores são repassados para gerações atuais no ambiente familiar que, por sua vez, as reproduzem. A família passa a ser responsável não apenas por compartilhar de suas características biológicas aos seus descendentes, como também características comportamentais construídas socialmente, sejam elas positivas e/ou negativas.

É também neste ambiente familiar que são edificados os papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens. Essas atribuições moldam os indivíduos inicialmente na família, e acabam consolidando ou confrontando desigualdades, influenciadas por fatores sociais, econômicos e culturais. Uma das desigualdades sociais mais propagadas e consolidadas neste ambiente é a desigualdade de *gênero*.

A Escola e as desigualdades de gênero

Guacira Louro (1992) afirma que os sujeitos se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas próprias identidades de gênero. Ainda no que concerne as identidades de gênero é importante considerar que as identidades são sempre construídas. Elas não são dadas ou acabadas num determinado momento, pois estão sempre em constante processo de construção: são instáveis e passíveis de transformação. Segundo Scott (1989), “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”, e o “gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

Com base em suas identidades de gênero, homens e mulheres são instruídos socialmente como devem agir, pensar, se expressar, etc. Essas instruções são pré-estabelecidas, cobradas e naturalizadas pela sociedade. Alguns indicadores dessas desigualdades de gênero podem ser facilmente percebidos, como na linguagem que é “seguramente, o campo mais eficaz e persistente — tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito "natural".”(LOURO, 1992, p. 65)

Em uma sociedade que induz e ensina as mulheres a se sentirem incluídas na expressão *homem*, que e sua ambiguidade serve para designar tanto os indivíduos de sexo feminino, quanto os de sexo masculino, será normal que um/a orador/a, ao se dirigir para uma sala repleta de mulheres, empregue o masculino plural no momento em que vislumbrar um homem na plateia (pois essa é a norma, já que aprendemos e internalizamos regras gramaticais que indicam ou exigem o masculino). (LOURO, 1992, p. 66)

É na escola que efetivamente são aprendidas essas ambiguidades da norma gramatical que servem para designar e representar ambos os sexos. Mas será que essas normas ambíguas conseguem representar de maneira satisfatórias ambos os sujeitos nelas citados?

Compreendendo as instituições e práticas sociais são constituídas por representações de gênero, é que Guacira Louro (1992, p. 88) questiona: “De certo modo poderíamos dizer que essas instituições têm gênero, classe, raça. Sendo assim, qual o gênero da escola?” Para a autora, a escola, no Brasil, é masculina e religiosa primeiramente.

Desde muito pequenas, as crianças adentram o ambiente familiar. Logo, a escola passa a ser um lugar onde a bagagem cultural familiar é reafirmada ou confrontada, já que é também nesse ambiente que a criança passa uma boa parte de sua vida.

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. (LOURO, 1992, p. 57)

Compreendendo a instituição escola como não apenas mediadora de conhecimento, mas também como construtora de cidadãos e propagadora de desigualdades, estudiosos passaram buscar maneiras de minimizar essas desigualdades. Apostam na escola como ambiente possível de transformação que conduza seus estudantes as práticas de “desnaturalização” e de “estranhamento” (OCNEM, 2016) das desigualdades que os cercam, ao invés de reproduzi-las.

Guacira Louro (1992) ressalta ainda a importância de se colocar em questão os currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos e processos de avaliação. Assim, torna-se indispensável questionar não apenas o que é ensinado, mas o modo como é ensinado e que sentidos os/as alunos/as dão ao que aprendem.

Metodologia

Este trabalho utiliza-se de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e revisão teórica sobre os conceitos de gênero e família. Foram analisados os seis livros didáticos de Sociologia do Ensino Médio aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático de 2015. Esta análise teve como foco apenas os conteúdos didáticos e não as atividades propostas pelos livros. As obras analisadas foram: “Sociologia para o Ensino Médio” (TOMAZI, 2013); “Tempos modernos, tempos de sociologia” (BOMENY et al., 2013); “Sociologia” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2013); “Sociologia em movimento” (SILVA et al., 2013); “Sociologia hoje” (AMORIM; BARROS; MACHADO, 2013); e “Sociologia para jovens do século XXI” (COSTA; OLIVEIRA, 2013).

Resultados e discussão

Sociologia hoje

No Capítulo 1 do livro, “Evolucionismo e diferença”, a *família* é tratada em “Parentesco e propriedade: modos de organização social”. Os autores afirmam que “O que costumamos chamar de “família” nada mais é que um nome para um **sistema de parentesco.**” (AMORIM; BARROS;

MACHADO, 2013, p.34). Segundo os estudos de Lewis H. Morgan e Henry Maine, o que possibilitou as sociedades primitivas se organizarem foi o parentesco, considerando-se que:

Nos sistemas de parentesco, além das categorias há também papéis estabelecidos. Quando dizemos “mãe”, não nos referimos só a uma posição em um sistema de relações, mas também a um papel específico. Ou seja, atribuímos uma série de valores, obrigações e sensações a cada categoria de parentesco. (AMORIM; BARROS; MACHADO, 2013, p. 34)

Compreendendo que toda sociedade forma algum tipo de parentesco, conseqüentemente, existem diferentes formações de parentesco. Como momento de reflexão sobre os temas abordados, o livro propõe o “Você já pensou nisso?” com o seguinte questionamento e resposta:

Por que seria importante pensar em parentesco se todo mundo já sabe como é sua família? É simples: quando pensamos em nossas relações familiares como apenas um entre vários tipos possíveis, podemos encarar com menos preconceito relações que a princípio nos parece “fugir da normalidade”. (AMORIM; BARROS; MACHADO, 2013, p. 34)

No final, fazem uma última pergunta: “Se existem tantos tipos de parentesco, por que seria um problema um arranjo familiar composto de um casal de homossexuais e um filho, por exemplo?” (AMORIM; BARROS; MACHADO, 2013, p. 34). Dessa forma, a temática aparece no livro, relacionada a noções de parentesco, evolucionismo, modos de organização social.

Em “Gênero e parentesco”, os autores realizam uma análise do tema “parentesco”, fundamental para a antropologia, destacando as questões de gênero presentes nessa estrutura. Assim, desde o século XX, a antropóloga Margaret Mead já afirmava que “mulheres” e “homens” correspondiam a certas características culturais.

Com base nos estudos desenvolvidos por Gayle Rubin (1949) e Sherry Ortner (1941), foi constatado que geralmente às mulheres são designadas as funções domésticas, enquanto que os homens são destinados à esfera pública. Este fato ocorre porque a sociedade tende a relacionar a mulher à natureza, e o homem à cultura, e “o polo cultural é sempre mais valorizado.” (AMORIM; BARROS; MACHADO, 2013, p. 95). Esse tema aparece relacionado a temas que os autores consideraram como assuntos contemporâneos tratados na antropologia.

Sociologia para jovens do século XXI

A família, neste livro, encontra-se em discussão no Capítulo 3: “O que se vê mais, o jogo ou o jogador?” *Indivíduos e Instituições Sociais*. Os autores apontam a família como primeira instituição social em que os indivíduos passam a pertencer, ressaltando dessa forma sua importância sobre os indivíduos.

Todos nascemos numa família. Claro, mas nem todas são iguais ou se formam da mesma maneira. Mas, a família é a primeira instituição social em que o(s) indivíduo(s), ao

nascer(em), entra(m) em contato. E por ser uma instituição primordial, ela é a instituição social que mais influencia e tem impacto sobre as relações sociais [e sobre os indivíduos]. (COSTA; OLIVEIRA, 2013, p.48)

Ainda no que diz respeito à família, os autores tratam das novas configurações de família e levantam a seguinte questão: “Agora, vamos pensar: que influência devem ser consideradas para que uma família seja de um jeito e não de outro?” (COSTA; OLIVEIRA, 2013, p.49). Questionamentos como esses incentivam o processo de estranhamento e desnaturalização.

O capítulo 18 deste livro é dedicado à discussão de gênero, “*Gênero e sexualidade no mundo de hoje*”. No livro, são apresentadas seis definições diferentes de sexo de acordo com os estudos de Luiz Mott (1998). Nelas encontra-se a definição de *sexo social*, que “é o papel de gênero, a forma como cada sociedade vai moldar o comportamento sexual diferenciado dos homens e das mulheres” (MOTT, 1998, p.58-59).

Essa construção social de gênero se apresenta na forma como os indivíduos são instruídos a agir, pensar, falar, ser, ou seja, nas expectativas a eles direcionadas a partir dos diferentes “papéis sociais” do que é ser homem ou mulher. A temática gênero aparece entrelaçada com as discussões de sexo, sexualidade, e assuntos que envolvem feminismo, homofobia, homossexualidade, “minorias”, machismo e desigualdades.

Sociologia para o ensino médio

Em *Tudo começa com a família*, no Capítulo 2, “O processo de socialização”, a família é apresentada como uma instituição que conduz a um processo de socialização informal. Dessa forma, a família é um

espaço privado das relações de intimidade e afeto, em que, geralmente, podemos encontrar alguma compreensão e refúgio, apesar dos conflitos. É o espaço onde aprendemos a obedecer a regras de convivência, a lidar com a diferença e a diversidade. (TOMAZI, 2013, p.24)

A partir dessa afirmação, uma questão importante que pode e deve ser discutida é a maneira como as famílias ensinam a “conviver e lidar” com as diferenças e as diversidades presentes na vida em sociedade.

Para ilustrar uma família, o livro apresenta uma fotografia de uma família, retratando o encontro de três gerações (avós, pais e filhos). Essa temática aparece relacionada ao processo de socialização dos indivíduos, instituições sociais, ação social, sempre fazendo um paralelo com os indivíduos e como eles se encontram dentro desses assuntos.

Em *As desigualdades no Brasil nos últimos 30 anos: renda, cor, gênero*, o autor afirma que

Nos últimos 30 anos, nas análises sobre as desigualdades no Brasil, foram adicionadas preocupações com as questões relacionadas ao emprego e às condições de vida dos

trabalhadores e pobres da cidade. Assim, passaram a ter primazia nas análises os temas: emprego e desemprego, mercado formal e informal de trabalho e estratégias de sobrevivência das famílias de baixa renda. (TOMAZI, 2013, p.117)

Tomazi traz dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Censo Demográfico de 2010, que mostram a relação entre a quantidade de salários mínimos de homens e mulheres conforme o grau de instrução. Em todos os casos, mesmo possuindo o mesmo grau de instrução, o homem recebe mais que a mulher,

Além de receber salários menores e enfrentar piores condições de trabalho que os homens, as mulheres ainda gastam, em média, 25 horas semanais para realizar tarefas domésticas, enquanto os homens despendem apenas 10 horas semanais nos serviços de casa. (TOMAZI, 2013, p.120).

Nesse aspecto, a discussão de gênero aparece como uma desigualdade social presente no mercado de trabalho brasileiro.

Sociologia em movimento

O livro didático “Sociologia em movimento” foi o livro impresso adotado pela escola em que foram aplicadas as atividades didáticas desta pesquisa, a EREM Santos Dumont, localizada no município de Recife-PE.

No Capítulo 4, “Socialização e controle social”, a família compreende o primeiro processo de socialização ao qual os indivíduos são submetidos assim que nascem. Os autores concebem a socialização como um processo que acontece em dois níveis diferentes. O primeiro, classificado como *socialização primária*, acontece com “os contatos caracterizados por alto grau de afetividade, que constituem relações diretas e de forte proximidade entre os integrantes, as interações face a face.” (SILVA et al., 2013, p. 85) O segundo nível, a *socialização secundária*, refere-se à socialização que tem início no final da infância e que se estende pelo resto da vida dos indivíduos, como por exemplo, locais de trabalho.

A família configura-se também como a “primeira instituição social com a qual temos contato (cumpre o papel de transmitir padrões de relacionamento gerais dos laços de parentesco, hábitos e costumes socialmente compartilhados) (SILVA et al., 2013, p. 87). Esse tema aparece no livro junto a outros temas como instituições sociais, grupos social, interação social, status e papéis sociais, mecanismos e agentes de controle social e, de uma forma geral, junto aos temas que envolvem “sociedade e indivíduo”.

A abordagem de gênero, neste livro, está na Unidade 6 “A vida nas cidades do século XXI – questões centrais de uma sociedade em construção”, Capítulo 14 “Gênero e Sexualidade”. Nesse

capítulo, os autores apresentam o conceito de sexo, sexualidade e de gênero, mostrando a forma como esses três conceitos dialogam entre si e a importância deles nas sociedades atuais.

Para entendermos como é socialmente importante a definição de nossa identidade de gênero, basta observar as expectativas sociais que antecedem um nascimento. Antes mesmo que a criança venha ao mundo, sua identidade já começa a ser definida no ambiente social. [...] A importância de uma construção de identidade anterior ao nascimento demonstra que em nossa sociedade a definição de “quem é você” está relacionada intimamente com o gênero e a sexualidade. (SILVA et al., 2013, p. 341).

Os autores abordam de maneira precisa a temática gênero, destacando as desigualdades sociais entre homens e mulheres no âmbito profissional, político e social.

Neste aspecto, destacam como acontece a divisão de trabalho, afirmando que esta ainda é baseada em papéis sociais e acabam induzindo a subordinação feminina, inclusive no meio familiar.

A família é analisada tal como uma instituição fundamental nas definições e divisões dos papéis sociais entre homens e mulheres, levando-se em consideração que esta instituição reforça um arranjo social (nuclear) familiar formado por pai, mãe e filhos, com a justificativa de que “esse padrão familiar formaria nos indivíduos uma personalidade normal, isto é, adequada às normas sociais de acordo com sua funcionalidade” (SILVA et al., 2013, p. 350). Outras instituições também são ressaltadas como importantes na construção desses papéis sociais, que são as escolas e as igrejas. Esse tema, no livro, dialoga com outros temas da atualidade, tais como homofobia, desigualdades, sexo, sexualidade, movimentos sociais, diversidade sexual, divisão de trabalho e violência. Os autores abordam de maneira precisa a temática gênero, destacando as desigualdades sociais entre homens e mulheres no âmbito profissional, político e social.

Tempos modernos, tempos de sociologia

No Capítulo 14 “Brasil, mostra a tua cara!”, a família aparece em *As muitas famílias*. As autoras iniciam essa abordagem realizando várias perguntas reflexivas a respeito das configurações de família, fazendo um paralelo entre os tempos antigos e atuais.

A mudança comportamental das mulheres é vista como uma das causas importantes na contribuição para as novas configurações de família. De acordo com as autoras, essa mudança comportamental refere-se à inserção da mulher nas instituições de ensino, seus altos níveis de escolaridade e a diminuição da taxa de fecundidade.

As autoras, ao mencionarem o termo *gênero*, afirmam que “masculino e feminino” vão além dos traços físicos e fatores biológicos, são construções arbitrárias, variáveis segundo cada cultura e cada sociedade.

Esse tema também aparece como uma desigualdade presente no trabalho. É mostrado que apesar da inserção da mulher no mercado de trabalho e a luta por igualdade de direitos, as mulheres ainda são discriminadas e desvalorizadas no âmbito profissional.

A temática família aparece no livro interligada a questão das identidades, assim, apresentam como as famílias são constituídas, enfatizando que as novas configurações de família já fazem parte da sociedade brasileira. Nesse âmbito, os papéis sociais de homens e mulheres dentro das famílias são analisados. Já as questões de gênero são relacionadas ao ambiente familiar, divisão de trabalho, desigualdades sociais e violência contra mulher.

Sociologia

Em “A família no mundo de hoje” para enfatizar a importância da família, as autoras citam Anthony Giddens (2003, p. 61): “Entre todas as mudanças que estão se dando no mundo, nenhuma é mais importante do que aquelas que acontecem em nossas vidas pessoais – na sexualidade, nos relacionamentos, no casamento e na família.”

Este livro, assim como outros, traz uma discussão acerca das novas configurações de família. Entretanto, se distingue dos outros, pois apresenta seis imagens diferentes como exemplos de família. Nessas ilustrações aparecem não apenas representações de famílias nucleares, mas uma variedade de configurações.

No tópico “A família como instituição social”, as autoras destacam a família como uma instituição social que tem como finalidade ensinar e preservar regras, normas e tradições de uma determinada sociedade.

A família tem um caráter conservador, pois nos leva a preservar e a reverenciar as tradições. Entretanto, ela também nos ensina a enfrentar os desafios que se colocam à vida social: conflitos, diferenças, desigualdades. (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2013, p. 69).

É através das relações sociais que cercam o ambiente familiar que normas e tradições sociais podem ganhar novos significados, influenciando então a tradição e a cultura daquela determinada comunidade.

Na época, as relações de gênero tinham na esfera pública e doméstica um significado mais opressor e conservador do que podemos encontrar hoje. A autoridade dos homens sobre as mulheres estava não apenas nas práticas sociais, mas legitimada na legislação e no funcionamento do estado. (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2013, p. 72).

Em “Movimentos de mulheres e relações familiares”, as autoras apontam que as diferenças presentes nos papéis masculinos e femininos são atribuídas no ambiente familiar e são reforçadas pela educação proporcionada por essa instituição.

No Capítulo 4, “Trabalho e mudanças sociais”, ao tratar das desigualdades presentes no mercado de trabalho às desigualdades de gênero se fazem presente novamente. Nesse sentido, são discutidos a luta das mulheres para a sua inserção no mercado de trabalho, e

o problema da dupla (ou tripla) jornada, pois [algumas mulheres] trabalham fora, trabalham em casa (cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos) e, muitas vezes, ainda frequentam cursos com vistas a melhorar sua carreira e remuneração (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2013, p. 113).

Dessa maneira, as questões de gênero aparecem relacionadas à família e trabalho, e estão geralmente ligados a papéis sociais e desigualdades sociais.

Considerações finais

Ao realizar a análise dos livros didáticos de Sociologia do Ensino Médio, ficam evidentes algumas questões. Todos proporcionam uma abordagem reflexiva sobre gênero e família. De uma forma geral, os livros apresentam a família como a primeira instituição social a qual pertencemos, destacando sua importância para a formação dos indivíduos. As novas configurações de família aparecem frequentemente ao se tratar de família, e alguns livros realizam reflexões importantes a respeito.

As questões de gênero tornam-se presentes no âmbito familiar quando os autores abordam os papéis sociais dos homens e principalmente das mulheres nas famílias atualmente, destacando a divisão de atividades domésticas, que são notoriamente estabelecidas com base nos papéis sociais de gênero. Os livros geralmente relacionam a discussão de gênero às desigualdades sociais com os temas mercado de trabalho, sexualidade, sexo, feminismo, homofobia e violência.

Uma questão que deve ser analisada com bastante atenção são as imagens de representações de famílias presentes nestes livros. As famílias são geralmente representadas com imagens de famílias nucleares, poucos desses livros apresentaram a imagem de casais do mesmo sexo, os quais fogem do padrão pré-estabelecido de modelo familiar, isto é, homem-mulher-filhos.

Concluindo, este estudo vem potencializar e ressaltar a importância da abordagem da temática gênero e família no ensino de sociologia das escolas, e incentivar os debates em sala de aula, visando o estranhamento e a desnaturalização das relações de poder pré-estabelecidas socialmente.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

_____. Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

_____. Plano Nacional da Educação. Brasília: Ministério da Educação, 2014.

AMORIM, Henrique; BARROS, Celson R. de; MACHADO, Igor J. de R. **Sociologia hoje**. São Paulo: Ática, 2013.

ARAÚJO, Sílvia Maria de; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde de Lenzi. **Sociologia**. São Paulo: Scipione, 2013.

BOMENY, H. et al. **Tempos modernos, tempos de sociologia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

BRIDI, Maria Aparecida; ARAÚJO, Sílvia Maria de; MOTIM, Benilde Lenzi. **Ensinar e aprender sociologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

COSTA, Ricardo Cesar Rocha da; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Sociologia para jovens do século XXI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GUIA de livros didáticos: PNLD 2015: Sociologia. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MOURA, Denilda (Org.). **Os desafios da língua: pesquisas em línguas falada e escrita**. Maceió: EDUFAL, 2008.

PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.23, n.45, jul. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100010>. Acesso em: 01/02/2017.

PRADO, Danda. **O que é Família**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *In: Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SILVA, A. *et al.* **Sociologia em movimento**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2013. 400 p.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2013. 461 p.